

a quinta  
joanne ramos

Tradução de Luís Santos



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

**Para a minha mãe, Elvira Abad Ramos**



# JANE

As urgências são um atentado contra os sentidos. Há demasiadas pessoas e o burburinho das vozes é excessivamente alto. Jane está a suar — está calor lá fora e a caminhada desde o metropolitano foi longa. Está de pé à entrada, imobilizada pelo barulho, pelas luzes, pela multidão. O instinto fá-la levar a mão a Amalia, que ainda lhe dorme sobre o peito.

Ate está algures por ali. Jane aventura-se na sala de espera. Vê uma figura parecida com a prima. Está vestida de branco — Ate estará a usar a farda de ama —, mas a mulher é *Americana* e demasiado jovem. Jane perscruta a mole de pessoas sentadas e dá início à busca por Ate linha a linha, sentindo uma apreensão crescente, embora a tente reprimir. Ate diz sempre que Jane se preocupa muito e com antecedência, antes sequer de saber se há alguma coisa errada. E a prima é resistente. Nem sequer adoeceu com a virose que varreu o dormitório todo no verão. Foi Ate quem se dispôs a velar pelas companheiras de dormitório — levando-lhes chá de gengibre aos catres, lavando-lhes as roupas sujas —, mesmo tendo muitas delas metade da idade, e a maioria sendo muito mais jovem.

Jane vê a cabeça de outra mulher por trás: cabelo escuro polvilhado de prata. Dirige-se a ela, esperançosa, mas não inteiramente convencida, pois a cabeça está inclinada como se dormisse, e Ate nunca adormeceria ali, debaixo daquelas luzes brilhantes e perto de tantos estranhos.

Jane tem razão. Não é Ate, mas sim uma mulher que parece mexicana. É baixa como a prima de Jane, e dorme com as pernas abertas e a boca escancarada. *Como se estivesse na privacidade da sua casa*, imagina Ate a dizer com repulsa.

— Estou à procura de Evelyn Arroyo — diz Jane à mulher de aspeto atormentado sentada à receção. — É minha prima.

A mulher ergue o olhar do computador com uma expressão impaciente que cede um sorriso ao ver Amalia ao peito de Jane.

— Quanto tempo tem?

— Tem quatro semanas — responde Jane, o peito quente com o orgulho.

— É tão querida — diz a mulher antes que um homem de calva luzidia se atrevesse à frente de Jane e comece a gritar que a esposa está à espera há horas, e que raio se passa ali?

A mulher ao balcão diz a Jane que vá à Triagem. Jane não sabe onde isso fica, mas não pergunta, pois a mulher está ocupada com o indivíduo zangado. Desce um corredor ladeado por macas. Procura Ate em cada cama, ficando embaraçada quando o homem ou mulher lá deitados não estão a dormir e a olham diretamente nos olhos. Um velho começa a falar-lhe em espanhol com se lhe suplicasse por ajuda, e Jane pede desculpa por não ser enfermeira antes de se afastar.

Encontra a prima mais ao fundo do corredor. Ate está tapada com um lençol e o rosto na almofada macia está franzido e tem uma expressão dura. Jane apercebe-se de que nunca viu a prima a dormir, mesmo tendo alugado o beliche por cima dela — Ate está sempre em movimento, ou então está ausente em trabalho. A imobilidade deixa Jane receosa.

Ate colapsou durante um trabalho como ama no apartamento da Quinta Avenida de uma família chamada Carter. Foi isso que Dina, a governanta dos Carters, contou a Jane quando finalmente falaram. Jane não ficou surpreendida. A prima vinha a sofrer de tonturas desde há meses. Ate culpava os comprimidos para a tensão arterial, mas não teve tempo de ir a uma consulta, pois estava com trabalhos seguidos.

Ate estava a tentar fazer Henry Carter arrotar, narrara Dina com um toque de acusação na voz, como se a culpa fosse do bebé. Também isso não surpreendeu Jane. Ate descrevera a Jane que Henry não arrotava nas posições habituais: sentado ao colo de Ate, o pescoço flácido aninhado entre os dedos dela e o corpo esticado sobre as pernas magrinhas; ou deitado ao ombro, qual saca de arroz. Só arrotava quando Ate andava e o abanava e lhe

batia nas costas com a palma da mão aberta. Mesmo assim, podiam passar dez ou vinte minutos até que Ate o conseguisse fazer arrotar.

— Devias deitá-lo para descansares — insistira Jane quando, ainda há duas noites, falara com Ate, com esta a jantar à pressa no quarto.

— Ay. Mas depois os gases acordam-no, e a sesta é pequena, e estou a tentar criar-lhe hábitos de sono.

Dina contou a Jane que antes de colapsar, Ate conseguira deitar Henry no sofá. A mãe estava fora, no ginásio, embora ela ainda tivesse hemorragias e Henry ainda mal tivesse três semanas. Por isso fora Dina que ligara para o 911 e ficara com o bebé ao colo enquanto os homens levavam Ate na maca até ao elevador de serviço. Fora Dina que procurara alguém a quem ligar no telefone de Ate e encontrara Jane. No voicemail disse apenas que Ate estava no hospital e que estava sozinha.

— Já não estás sozinha — diz Jane à prima, sentindo-se culpada por terem passado horas até que confirmasse as mensagens e devolvesse a chamada de Dina. Mas Amalia passara grande parte da noite acordada e nessa manhã, quando ela adormecera depois da mamada, Jane permitira-se também descansar. As outras já estavam a trabalhar, pelo que tinham o quarto só para elas. Jane dormiu com Amalia sobre o peito, o sol a atravessar as janelas sujas.

Jane afaga o cabelo de Ate, fitando-lhe as rugas fundas à volta da boca e os olhos pequenos e encovados. Parece tão velha. Jane interroga-se se já terá sido consultada por um médico, mas não sabe a quem perguntar. Vê os homens e as mulheres de vestes garridas a passar, à espera de alguém que possa abordar, alguém com uma expressão gentil, mas passam todos à pressa, apreensivos.

Amalia começa a agitar-se na faixa. Jane deu-lhe de mamar antes de saírem do dormitório, mas isso já foi há duas horas. Viu as americanas a dar mama aos filhos nos bancos do parque, mas ela nunca seria capaz de tal coisa. Beija Ate ao de leve na testa — Jane teria vergonha de a beijar assim se Ate estivesse acordada, e o gesto parece estranho — e vai em busca de uma casa de banho. Num cubículo de aspeto decente tapa a sanita com papel higiénico antes de se sentar e tira Amalia da faixa. A filha está pronta a mamar, a boca húmida aberta. Jane fita-a, os olhos pretos como a noite que lhe ocupam metade do rosto, e sente-se assoberbada por uma ternura tão vasta que quase a sufoca. Leva Amalia até ao mamilo e a bebé prende-se com facilidade. Ao início foi difícil, mas agora já sabem as duas como se faz.

— O ECG detetou irregularidades — diz o médico a Jane. Já passou pelo menos uma hora, talvez mais. Estão à frente da maca de Ate, num quarto improvisado criado com cortinados verdes pendurados do teto. Por trás das cortinas, Jane ouve espanhol e os apitos das máquinas.

— Sim — diz Jane.

— Tendo em conta a idade da senhora Arroyo e os recentes sintomas gostaríamos de lhe fazer um ecocardiograma — continua o médico, acrescentando: — A senhora Arroyo também tem um leve sopro no coração.

Momentos antes, Ate mirava o quarto de olhos vidrados, mas agora está alerta.

— Já sei do sopro — diz Ate. Tem a voz mais fraca do que o habitual, mas o tom continua duro. — Não preciso de mais exames.

O médico adota um tom gentil.

— A senhora Arroyo tem quase setenta anos e tensão arterial elevada. As suas tonturas podem querer dizer que...

— A minha amiga também tem um sopro no coração. E não é nada.

O médico continua a tentar convencer Ate. Não a conhece, mas Jane sabe que está a perder tempo.

A noite vai a meio quando ela tem alta, depois de horas de «observação». As enfermeiras tentaram convencer Ate a ficar mais tempo, mas ela retrucou que se não tinham observado nada de problemático depois do dia que já desperdiçara, então ela estava suficientemente bem para ir para casa e aí descansar. Jane evitou o olhar de Ate quando ela falou assim, mas depois, Ate descansou-a: estou a fazer-lhes um favor; não tenho como lhes pagar, e agora têm uma cama vaga.

Uma das enfermeiras insiste em levar Ate até à rua de cadeira de rodas. Embarçada pela anterior grosseria de Ate, Jane diz à enfermeira que pode empurrar ela a prima. Ate explica em voz alta que não é a bondade que leva a enfermeira a ajudá-la com a cadeira de rodas, mas sim as regras do hospital.

— Faz parte do *protocolo* — diz Ate, pronunciando com cuidado a última palavra. — Se tu me empurrares, Jane, eu posso cair e depois processo o hospital em milhões de dólares.

Mas Ate sorri à enfermeira quando diz isto e Jane fica surpreendida ao ver a enfermeira a retribuir calorosamente o sorriso.

No passeio, Jane chama um táxi, ignorando as queixas de Ate de que é

um desperdício de dinheiro e que deviam apanhar o metro. A enfermeira ajuda Ate a entrar para o carro e ainda mal se afastou com a cadeira de rodas vazia quando Ate começa a importunar Jane, tal como esta sabia que ia acontecer.

— A senhora Carter vai precisar de ajuda com o bebé. Tens de me substituir. Só temporariamente. Fazes-me isso?

É claro que Jane não pode deixar Amalia, que ainda mal tem um mês de vida. Mas está demasiado cansada para discutir com a prima. Estão a meio da noite e Jane só quer ir para casa. Dá espetáculo à procura da fivela do cinto de segurança, e quando o prende já Ate adormeceu.

A estrada sulcada está em obras. O táxi acerta num buraco e a cabeça de Ate salta, parando num ângulo tão agudo que parece que partiu o pescoço. Jane endireita a cabeça da prima, tendo o cuidado de não a acordar. Segura-a gentilmente contra o ombro enquanto o carro se dirige à autoestrada. Na faixa, Amalia agita-se, mas não faz birra. Esteve tão bem durante o dia, mesmo depois de tantas horas no hospital, chorando só quando tinha fome.

Já é tarde. O céu lá fora está negro, fora do alcance das luzes da cidade, os passeios vazios de pedestres. Jane gostaria de dormir. Tenta, procurando fechar os olhos. Mas eles vão-se abrindo.

Do táxi, Jane telefonou a Angel, que está entre empregos. É uma das amigas mais chegadas de Ate. Está à espera, sentada nos degraus da entrada do dormitório castanho baixo onde vivem. A rua está às escuras, salvo pela taberna aberta vinte e quatro horas onde às vezes Ate compra cautelas de lotaria. Quando o táxi se aproxima, Jane vê Angel a levantar-se e a correr para o passeio.

— Ay, Ate, Evelyn — exclama Angel ao abrir a porta do táxi. A voz, normalmente alta, está abafada. O rosto engelha-se num sorriso inseguro e depois fica lavada em lágrimas.

— *Nakapo*, Angel! És muito velha para chorar! — Ate afasta a mão estendida de Angel. — Eu estou *bem*. — Mas Ate não consegue sair do táxi sozinha.

Jane espera que a prima saia do carro para pagar ao condutor. Ate tinha razão; a viagem até Elmhurst é cara. Jane observa Angel a levar Ate até ao dormitório — e, de repente, lembra-se de que nas Filipinas, Angel trabalhou como ajudante de enfermagem. Jane é acometida pela sensação

bizarra de que a está a ver — a tola Angel, com os seus esquemas de namorados e o cabelo em constante mutação de cor — pela primeira vez.

Atravessam a cozinha, onde um novo inquilino está à mesa, a jogar no telefone, passam por um quarto onde três beliches estão de tal modo apertados que para chegar ao beliche do meio é preciso passar por cima dos exteriores, e chegam à sala. Está escura e cheia com o ronco leve de muitas pessoas a dormir. O beliche que Ate e Jane arrendam fica no segundo andar, mas Ate está demasiado fraca para subir tantos degraus. Angel combinou que Ate ficaria no sofá do rés do chão alugado por uma amiga que está a trabalhar como ama a tempo inteiro e só regressa ao dormitório no fim de semana.

— Nessa altura já vais estar forte — murmura Angel a Ate, que franze o cenho e desvia o olhar.

— Tenho sede — diz Ate, e Angel dirige-se à cozinha a buscar um copo, enquanto Jane desata os atacadores de Ate.

— Jane. Não me respondeste. Vais aos Carters?

Jane olha para a prima. Não é fácil discordar de alguém tão velho sem lhe faltar ao respeito.

— O problema é a Mali. Não confio no Billy para tomar conta dela. — O simples facto de pronunciar o nome do marido deixa Jane com um sabor amargo na boca.

— Eu tomo conta dela. Não me importo nada. Desde que comecei a trabalhar para os Carters que não estou com a Mali. — No escuro, Ate sorri.

— Não é fácil ter um bebé no dormitório.

A dois beliches delas, alguém tosse, um som viscoso que lança milhões de germes pelo ar. Jane olha para a Amalia, que ainda dorme na faixa, e vira as costas à fonte da tosse, mesmo sabendo que os germes vão chegar à filha.

Ainda há três semanas, Jane vivia com Billy e os pais dele num apartamento de cave na esquina da Woodside e da Elmhurst. Quando descobriu que ele tinha uma namorada, que os irmãos e a mãe dele sabiam, que o sabiam há vários meses, mudou-se para o dormitório. Amalia, na altura apenas com uma semana de vida, foi com ela. O beliche de Ate tinha a cama de cima disponível. Ate pagou os primeiros três meses de renda de Jane.

Não foi fácil deixar Billy. Não conhecia mais nada desde que chegara à América. Mas Jane está satisfeita por estar livre dele, tal como Ate garantiria. Não sente falta das mãos que a apertavam, nem do hálito rançoso, nem de

como ele desligava o telefone quando estava fora à noite, para que ela não o conseguisse contactar.

Também não foi fácil estar ali. Parece haver sempre fila para a casa de banho quando Amalia se suja; Jane passa a vida com medo que a bebé role da cama estreita que partilham, embora Amalia ainda seja demasiado pequena para se virar. À noite, quando Amalia chora, Jane vê-se obrigada a procurar refúgio no vão das escadas ou na cozinha, para não acordar os outros. E Jane não tem planos para depois.

— Toda a gente vai ajudar-me — comenta Ate. Isso é verdade. Há sempre alguém no dormitório — a descansar antes do turno da noite, de folga no fim de semana, à espera de um trabalho novo. Quase todos são filipinos e uma boa parte são mães que deixaram os filhos em casa. Veneram Amalia, o único bebé que ali está. O único bebé com uma mãe desesperada a ponto de levar a filha para viver entre eles.

— E posso ver se a Cherry me deixa partilhar o quarto.

Cada um dos três pisos do dormitório tem dois quartos partilhados e uma sala, com cada divisão a albergar meia dúzia de inquilinos, regra geral muitos mais. Mas no fundo dos dois pisos superiores há um quarto privado. No segundo andar, esse quarto é alugado por Cherry, a ama de longa data de uma família em Tribeca originária de Cebu. No quarto dela só cabe um beliche e uma cómoda, mas há uma porta que pode ser trancada. Tem uma janela, junto à qual Cherry tem um vaso com violetas e várias ervas aromáticas que partilha com os outros para cozinharem. Tem fotografias emolduradas nas paredes: da visita do papa às Filipinas, com três dos seus filhos de sorriso rasgado à frente de um mar de fiéis; do neto mais novo com uma covinha no queixo, qual estrela de cinema; dos dois americanos que ela criou desde bebés, agora crescidos. Estão junto a uma parede de bambu no terraço vasto, a Freedom Tower atrás deles, o mais velho de túnica de formatura com um braço sardento a abraçar Cherry. Na mão livre tem uma flâmula roxa que diz STANFORD.

Ate arrepia-se e os olhos fecham-se-lhe. Jane tapa-a com um lençol, surpreendida com quão pequena ela parece. Em movimento agiganta-se, parecendo muito maior do que o seu metro e meio. «Ate» significa *irmã mais velha* em tagalo, e é esse o seu papel no dormitório: mediadora de conflitos, fornecedora de empréstimos quando alguém está em apuros, a única que se atreve a abordar o senhorio quando há queixas — ratos na despensa, outra fuga. No trabalho, Ate dirige-se com autoridade a milionários que, na presença dos bebés, se transformam, eles próprios, em crianças, reduzidos

a seres desastrados que procuram a ajuda de Ate para que os recém-nascidos comam, ou durmam, ou arrotem, ou parem de chorar.

Mas ali deitada no sofá, com um lençol esticado por cima dela como um oleado, Ate parece caber no colo de Jane.

Quando aceitou o primeiro trabalho como ama, há mais de vinte anos, Ate nunca havia trabalhado com bebês — pelo menos com bebês de outras pessoas. Apareceu à porta da casa coberta de hera dos Prestons à chuva, uma sombrinha numa mão, um saco na outra, uma farda branca de enfermeira vestida. — Parecia uma Mary Poppins castanha — gostava Ate de brincar, embora Jane imaginasse que fora intimidante, mesmo para Ate — estar num país novo, a família tão longe, a começar uma vida nova já nos quarentas.

Ate soubera do trabalho através da amiga Lita, que há muito voltara às Filipinas. Na altura, Lita era governanta dos Prestons. Gostava de contar histórias acerca dos patrões quando voltava com Ate ao dormitório e faziam o jantar, a par de quem mais lá se encontrasse. O marido, que passava a vida a trabalhar, não era má pessoa, mas a senhora Preston era estranha. Gostava do dinheiro que tinha, mas também o depreciava. Falava com desprezo das «senhoras-que-almoçam» no clube social a que pertencia como se não fosse mais uma. Recebia as festas formais em sua casa descalça. Ia de metro visitar os amigos artistas em Brooklyn e em Queens, mas na cidade usava sempre o motorista, e antes de o bebê nascer, Lita ouvira-a a proclamar às amigas que não era natural delegar a maternidade.

Só precisou de duas semanas para que o menino a convencesse do contrário. O bebê sofria de cólicas e passava a noite a chorar inconsolavelmente, a menos que andassem com ele ao colo escadas acima e abaixo, pela noite fora. Quando se parava, mesmo que por uns instantes, ele recomeçava o pranto. Finalmente, em desespero, a senhora Preston suplicou a Lita: — Encontra alguém que nos ajude.

Lita pensou de imediato em Ate, que ela sabia precisar do dinheiro. Disse à senhora Preston que a amiga era enfermeira, e perita em bebês. Tinha o seu quê de verdade. Nos verões, em Bulacan, Ate costumava trabalhar na clínica gratuita da igreja, e educara quatro filhos praticamente sozinha.

Como não tinha expetativas, Ate conseguia ser paciente. Não se importava de subir e descer as escadas com o bebê, por vezes horas a fio,

beijando-lhe o rosto mosqueado enquanto ele berrava e murmurando-lhe sons do oceano ao ouvido para lhe recordar o conforto do útero. Levava-o em passeios demorados pelo Central Park mesmo quando chuviscava e estava frio. O bebé acalmava-se no carrinho, aos saltos na terra irregular. Sugava-lhe os dedos e fitava o céu a passar. Já em casa, quando a tarde chegava ao fim, o bebé arqueava as costas e retomava o choro, e a senhora Preston ficava agitada. Ate mandava-a então para cima, descansar, e começava a andar — escadas acima, escadas abaixo, escadas acima, escadas abaixo, o bebé apertado contra o peito.

Ate foi contratada para ficar três meses com os Prestons, mas a senhora Preston renovou o contrato uma vez, depois outra, e ainda mais uma, até que bebé chegou quase ao ano de idade. A senhora Preston contou a todos que Ate lhe salvara a vida e que nunca a largaria. Mas quando a amiga Sarah teve uma menina e também desenvolveu depressão pós-parto, a senhora Preston pediu a Ate que a ajudasse. Ate trabalhou com Sarah até a bebé fazer dez semanas. Depois mudou-se para a cobertura da irmã de Sarah, Caroline, que ficou com Ate doze semanas. Caroline passou Ate a Jonathan, amigo de faculdade do marido. Essa família recomendou Ate ao colega de Jonathan no banco, aquele cuja esposa estava grávida de gémeos, e por aí fora. E assim, Ate tornou-se ama.

Como conseguira que o bebé dos Prestons dormisse a noite toda às onze semanas, mesmo com as cólicas e a inquietação, e a filha de Sarah às dez, e depois o de Caroline às nove, ficou conhecida pela sua rotina com o sono. Era por isso que as famílias se digladiavam para a contratar, diria ela a Jane. Havia casais que entravam em contacto com ela assim que descobriam que estavam à espera, ou até mais cedo, quando ainda só esperavam vir a conceber. Ate dizia a esses pais que só aceitava trabalhos quando o feto passasse as doze semanas. — Só assim se pode ser justa para com todos — explicava, embora admitisse a Jane que não era esse o verdadeiro motivo. O risco de aborto no primeiro trimestre era demasiado elevado; tinha rendas a pagar e bocas a alimentar, não podia organizar o trabalho à volta de esperanças.

Ate também compreendia que para pais assim, que tinham tudo e mais alguma coisa, o facto de não estar disponível tornava-a ainda mais desejável.

Começava a impor o regime de sono ainda o bebé era muito pequeno, com apenas duas ou três semanas. Sem treino, um bebé com esse tempo alimenta-se com frequência, de hora a hora, mais ou menos, e procura o

conforto do peito da mãe. Quando era contratada, Ate começava desde logo a prolongar os intervalos, com o bebé a mamar de duas em duas horas, depois de três em três, depois de quatro em quatro horas. Às oito ou às dez semanas, dependendo do sexo e do peso, e do facto de ter nascido prematuro ou no tempo certo, o bebé já dormia a noite toda. Por tudo isso, as mães de braços nodosos e pele leitosa chamavam a Ate «a Encantadora de Bebés». Não sabiam que Ate passava a noite toda de pé junto ao berço no quarto escurecido, com uma chucha na boca do bebé.

Quando a criança chorava, Ate levantava-a contra o peito e embalava-a até que estivesse quase a dormir. Depois voltava a deitá-la. Repetia-o noite após noite, até que o bebé se habituasse a mamar só durante o dia e a adormecer sozinho à noite. A partir daí, o treino do sono era fácil.

Ate desenvolveu uma reputação imaculada com o passar dos anos. — Só tenho os melhores trabalhos com as melhores pessoas — costumava dizer. Não se tratava de fanfarronice, ou, pelo menos, não eram palavras ocas. Os clientes de Ate não eram só ricos — quem conseguia pagar uma ama era rico —, eram muito, muito ricos. Enquanto as outras filipinas aceitavam trabalhos onde dormiam num futon ao canto do quarto do bebé, ou um sofá-cama no estúdio do cliente, Ate tinha quase sempre um quarto próprio, frequentemente com casa de banho privativa. Podia haver um terraço ou um quintal onde expunha os bebés com icterícia ao sol, para os livrar da bilirrubina. Havia cinco ou seis casas de banho, por vezes mais, e tantas divisões que várias tinham apenas uma utilidade — biblioteca para livros, ginásio para exercício, alcova só para vinho! Ate estivera em aviões privados, onde ela e o bebé adormecido ficavam com a secção traseira para eles, onde lhe serviam refeições a uma mesa com guardanapos de pano e talheres pesados, como se estivesse num restaurante. — Para mim não há voos comerciais — brincava Ate, e era verdade. Sem documentos, só podia voar em aviões privados. Na sua farda branca de enfermeira, acompanhava as famílias até Nantucket e Aspen e Palo Alto e ao Maine, em aviões tão grandes como uma casa.

Ate atraía os melhores clientes porque, de alguma forma, ela os compreendia. Jane acreditava que era essa compreensão que levava as mães a confiar em Ate e a deixar os anéis e as pulseiras espalhadas ao acaso por cima das bancadas e a incitar as amigas a contratá-la.

— Mais do que clientes, eu tenho relações — costumava Ate dizer. À laia de prova tirava uma caixa de plástico transparente debaixo da cama que alugava no dormitório por trezentos e cinquenta dólares por mês, e

mostrava os postais de férias, alguns com mais de duas décadas. Cada postal tinha o filho sorridente de um antigo cliente na praia, ou montado em esquis à frente de uma montanha coberta de neve, ou empoleirado num jipe com a savana africana a perder-se de vista atrás dele.

Chase — ah, esse era um bebé fácil, e os pais, tão gentis! Deram a Ate um prémio chorudo e, mesmo anos mais tarde, enviavam dinheiro no aniversário de Ate. E agora estava tão grande! E era tão inteligente, a estudar para médico!

Os gémeos Levy — tinham nascido pequenos como ratinhos, cada um a caber na palma da mão. E choravam tanto, sempre a chorar com cólicas. Mas quando Ate os deixou estavam anafados, com queixo duplo! Vês como estão bonitos? Cresceram muito bem!

Com amigos de confiança, Ate gostava de mostrar as «prendas de despedida» que guardava numa caixa à parte, que selava e voltava a selar com fita adesiva, por precaução — uma moldura de prata gravada com as iniciais de Ate e do bebé de que cuidava, uma bolsa de pele que só usava na Missa do Galo. Gostava de descrever como as mães costumavam chorar quando se despediam a seguir a um trabalho, como se Ate fosse um amante a caminho da guerra. — E depois era sempre a prenda! Da Tiffany ou da Saks ou da Barneys. Sempre demasiado cara. — Ate abanava a cabeça com um sorriso.

Não costumava referir as ofensas e os insultos que sofria em certas casas, nem o cansaço profundo que a assolava quando estava num trabalho. Certa vez contou a Jane sobre a senhora Ames, que não falou com Ate durante as doze semanas que esta passou com a família, a não a ser quando estava irritada (com a escolha de Ate da roupa para o bebé, com a camisola de caxemira que encolheu no secador), que olhava através de Ate como se esta fosse feita de vidro. E havia os Lis, que não deixavam que Ate lhes comesse a comida, nem sequer uma pinga de leite com o café, e não a ressarciam pelo leite em pó que Ate tinha de comprar — tantas latas, e tão caras — com o dinheiro dela, porque a governanta nunca comprava suficiente.

Para quê recordar essas coisas? perguntava a Jane, mesmo sendo ela a contar as histórias.

— Tens de comer!

Angel está à frente do sofá, de tabuleiro na mão. Abriram as persianas e, no quarto agora iluminado, Jane vê que os dois beliches mais perto dela estão vazios, as camas feitas à pressa. Deve ter passado pelas brasas.

Angel ajuda Ate a sentar-se e deposita-lhe um prato no colo. Tem os restos do jantar de véspera — cenoura ralada, ervilhas, alguma carne picada — tudo unido com ovo. Angel é famosa por fazer omeletes com quase tudo o que saia do frigorífico. Abomina qualquer tipo de desperdício. Em casa dos patrões recolhe as embalagens de *take-out* que estão na reciclagem e leva-as para o dormitório. A cada poucos meses, o grande contentor que várias das mulheres partilham para enviar coisas para as Filipinas fica cheio com pilhas dessas caixas, pratos e tigelas de plástico que em tempos contiveram as refeições dos clientes de Angel — salmão escalfado, sopa de ovo, esparguete *allamatriciana* —, e em breve, no outro lado do mundo, eles voltarão a ficar cheios com *pancit* nos encontros da igreja e nos piqueniques da escola.

Ate agradece a Angel pela omelete, mas não a come. Vira-se para Jane, que começou a dar de mamar a Amalia abrigada pelo lençol. — Os Carters são VIP! Também vai ser bom para ti. Eles criam relações.

Ate foi contratada originalmente pelos Carters há dois anos. A senhora Carter abortou quando estava só de quatro meses, ainda elegante como o ramo de uma árvore jovem. Nem chegou a sentir o bebé a mexer-se. Da segunda vez que os Carters contrataram Ate, a senhora Carter estava grávida de um menino, e os Carters decidiram chamar-lhe Charles, segundo o pai do pai. Depois de trinta e sete semanas de gestação, com pulmões capazes de respirar e unhas que arranhavam, Charles deixou de se mexer. A senhora Carter ficou preocupada depois de uma manhã inteira sem o sentir a dar pontapés. No hospital foi levada de urgência para o bloco operatório, com o senhor Carter a correr ao lado dela. Mas o cordão já se enrolara à volta do pescoço do bebé, cortando-lhe o oxigénio para o coração, para o cérebro.

Quando o senhor Carter ligou do hospital, a cancelar o contrato de Ate pela segunda vez, Jane estava de visita ao dormitório porque Angel fazia anos. — Para mim, muitos anos de vida! — cantava Angel enquanto servia *pancit* para tigelas. Estava bem-disposta. Tinha ainda os olhos pintados da véspera, quando fora dançar com mais um homem que conhecera *online*. Estava a tentar encontrar um americano que casasse com ela. Queria obter cidadania para poder voltar a Palawan e conhecer a nova neta; pelas fotografias via que a bebé era a mais branquinha de todas, a que teria mais possibilidades de se tornar Miss Filipinas. Talvez até Miss Universo.

— Vais ser apanhada. A imigração conhece esses truques todos — admoestou Cherry. Cherry era quase tão velha como Ate, e era antiquada. Não gostava que Angel saísse com tantos americanos velhos. Também não

gostava que Angel, que estava a celebrar o quinquagésimo primeiro aniversário, fosse a esses encontros de minissaia e botas de cabedal até aos joelhos.

— Não é um truque. Só me vou casar com um homem que me ame — retrucou Angel, ao que acrescentou: — Eu é que posso não o amar de volta! — Atirou a cabeça para trás e riu-se, expondo as muitas obturações de ouro ao fundo da boca. Cherry cerrou os lábios e não respondeu, e Jane reprimiu um sorriso.

— Dios ko — murmurou Ate, devolvendo o telemóvel ao bolso. — Os Carters.

— Deixa-me adivinhar — disse Angel, sempre dona de uma opinião. — Voltaram a cancelar.

Ate suspirou e assentiu.

— Eu sabia! Aquela gente! — Angel soltou um som como se tivesse comido peixe estragado. — Eles nem pensam em como afetam os outros.

— Não. — Ate abanou a cabeça. — Não, os Carters, a culpa não é deles. — E contou-lhes do bebé e do hospital e do cordão umbilical que servira de corda de patíbulo. Contou-lhes como o senhor Carter insistira em dar-lhe um mês de ordenado para que ela se aguentasse até encontrar outro trabalho. Como ele se oferecera para a apresentar às amigas da esposa que pudessem precisar dos serviços dela. Como lhe pedira que fosse uns dias ao apartamento para ajudar a senhora Carter com a adaptação.

— Uns dias? Ha! Vais lá ficar o mês inteiro — vaticinou Angel. — Esta gente não dá dinheiro só porque sim. É por isso que são ricos!

Jane levantou os pratos enquanto Ate começava a passar as fardas a ferro. Guardou-as no saco de viagem, a par dos comprimidos para tensão arterial, das canetas e dos blocos. Passada uma hora do telefonema do senhor Carter estava no comboio F e à porta deles ainda nem tinham passado duas horas.

Quando Ate a conheceu, Dina soluçava para um lenço de papel. Os Carters ainda estavam no hospital. Dina viria a contar a Jane que a resposta de Ate fora típica: — Já chega de choro! Há trabalho a fazer! — E passou por Dina, entrando no apartamento.

Ate começou pelo quarto do bebé. Guardou no armário as fronhas, os cobertores e as toalhas bordados com o monograma, a par das fraldas e dos *body*s de tamanho zero que estavam empilhados no muda-fraldas. Passou para o quarto da mãe, onde tirou das gavetas os sutiãs de amamentação e da mesa de cabeceira os livros de bebé e as impressões das ecografias. Tirou o berço e os animais de peluche da biblioteca, removeu o chá para lactantes

e as vitaminas de gestação das prateleiras da cozinha, enfiou a almofada de amamentação, os biberões e o monitor em sacos de compras e guardou tudo na despensa.

Quando a senhora Carter chegou a casa vinda do hospital tinha o peito cheio de leite. Ate ajudou-a a preparar e mostrou-lhe como usar a bomba. Não se permitiu mirar o rosto perturbado da senhora Carter, os seus olhos inchados. Quando o fluxo de leite abrandou, Ate soltou os tubos de borracha e os biberões e mandou-a descansar.

— Houve quem me desse os parabéns na rua — disse a senhora Carter, o braço a proteger a barriga ainda grande.

Ate baixou a cabeça e saiu do quarto para despejar o leite ainda morno pelo lavatório de aço inoxidável.

— Está a desperdiçar o seu dinheiro comigo — anunciou Ate à mãe ao quarto dia. Não gostava de estar indolente e havia pouco para fazer. Passara a manhã a observar o jardineiro a podar as árvores no terraço, para que não bloqueassem a vista para o parque lá em baixo.

Mas a senhora Carter insistia que precisava da ajuda de Ate com a bomba. Esvaziava os peitos a cada quatro horas, seis vezes por dia. Até a meio da noite usava a bomba, fazendo-o no pequeno quarto de Ate, com ela a seu lado, pois dizia que não queria incomodar o marido.

— Mas há tantos quartos no apartamento — confidenciou Ate a Jane, murmurando ao telefone.

Passaram-se vários dias até que Ate voltou a tentar despedir-se. Angel estava doente e pedira a Ate que a substituísse como ama de uma família simpática que pagava bem.

A senhora Carter acabara de usar a bomba no estúdio. Estendeu o biberão de leite para que Ate o admirasse. — Duzentos e trinta mililitros. Nada mau, não achas, Evelyn?

— Acho que devíamos abrandar, minha senhora — arriscou Ate, aceitando o biberão da senhora Carter e tapando-o. — Devíamos deixar que o leite começasse a... secar.

A blusa da mãe estava aberta. Ate reparou no sutiã de aleitamento.

— Parece um desperdício não guardar o leite. — A senhora Carter enrubescou. — No caso de termos um bebé.

— A senhora vai ter um bebé. E na altura vai ter leite. Está a produzir bastante.

— Li algures que o leite materno aguenta até um ano, caso seja congelado — continuou a senhora Carter, quase em transe.

Enquanto esperava que a senhora Carter acabasse, Ate começou a guardar os elementos da bomba.

— Espero que nos ajudes, Evelyn. Espero... se tivermos um bebé... que nos possas ajudar.

Mais tarde, Ate contou a Jane que a voz da senhora Carter se foi desvanecendo enquanto falava, de tal modo que teve de se esforçar para a conseguir ouvir.

— A senhora vai ter um bebé. Acredito que sim.

A senhora Carter virou o rosto na direção da janela. Assim ficou bastante tempo, tanto que Ate perdeu a coragem de mencionar o outro trabalho como ama, e de se despedir. Ao sair do estúdio para guardar o leite, olhou pela janela para ver o que hipnotizara a cliente. Mas não havia nada. Só as copas das árvores e o céu vazio.

Pouco depois de engravidar, Jane visitou Ate para a ajudar a encher caixas com destino às Filipinas. A cama de Ate estava coberta de roupas — que já não serviam ou que haviam passado de moda — doadas pelos clientes das mulheres no dormitório. O telefone tocou e Jane ouviu Ate a exclamar: — Parabéns, minha senhora.

Era a senhora Carter. Breves meses depois de perder o bebé, voltava a estar grávida.

— Vais ajudar-nos, não vais, Evelyn? — perguntou a senhora Carter. — Durante seis meses! Por favor? — Estava em alta-voz, para que Ate continuasse a selecionar as roupas por tamanhos.

Quando Ate perguntou de quanto tempo estava, a senhora Carter riu-se e admitiu que ainda mal engravidara.

— Fale comigo daqui a três meses — disse-lhe Ate gentilmente.

Nem sequer dez minutos haviam passado quando o senhor Carter lhe telefonou, de uma viagem de negócios em Londres. À semelhança da esposa, também ele pediu a Ate que promettesse trabalhar com eles quando o bebé chegasse, oferecendo-lhe o dobro dos honorários diários «como incentivo».

— O essencial é que a Cate se sinta segura — disse ele. — E você fá-la sentir-se segura, Evelyn.

Mais tarde, Ate diria a Jane que fora aquele comentário que a levaria a

quebrar a regra das doze semanas. A parte da confiança, insistira Ate, não o dinheiro.

Mas é no dinheiro que Jane está a pensar quase um ano depois, com Ate a repousar no sofá e Amalia, saciada, a dormir nos seus braços. Mesmo que substituísse Ate por apenas uma semana, com a diária a duplicar ganharia milhares de dólares. Com duas semanas ou três teria mais do que suficiente para dar a entrada para um estúdio. Talvez perto de Rego Park.

Jane já via o apartamento. Seria, pelo menos, no segundo andar, não numa cave, como o dos pais de Billy. Não teria ratos, nem bolor, nem traças a abrir-lhe buracos nas camisolas. Em sua casa, Jane não teria de pescar os cabelos de vinte pessoas do ralo sempre que tomava banho com Amalia. Não estaria acordada a altas horas da madrugada enquanto Angel tossia e tossia no beliche dela, por causa do refluxo gástrico.

— Substituis-me? Até recuperar as forças? — Ate está outra vez acordada, o tom da voz insistente.

Amalia mexe-se nos braços de Jane. Jane abraça-a mais, pressionando o rosto contra a bochecha macia da bebé. A filha é resistente. Na última consulta, o médico disse que estava a ganhar bem peso.

Jane sente a intensidade do olhar de Ate, mas ainda não está pronta para o enfrentar. Só olhar para Amalia.

# ATE

Ate vira-se de lado no sofá e, com um suspiro, fica a observar Jane.

O problema é que Jane ainda não compreende. Ela é mãe, é verdade, mas tão recente. Ainda está nervosa, ainda está assustada. Segura Amalia como se esta fosse feita de vidro. Sempre que Amalia chora, mesmo com pequenos sons que não significam nada — Jane corre a tomá-la ao colo. Mas os bebés são mais fortes do que as pessoas julgam, e mais espertos. É importante saber isto para se ser a melhor ama possível, com os melhores clientes.

Angel tem mais experiência do que Jane, e é leal. Mas Angel fala demasiado. Fala com os clientes como se fossem amigos, com mexericos acerca dos outros clientes! Quando Ate chama a atenção de Angel para o facto de os clientes não confiarem em alguém de boca muito grande, Angel mostra-se defensiva: esta mãe gosta de *chismis* comigo! Ela gosta das minhas histórias!

Ay, Angel. É claro que a mãe vai ficar à conversa contigo para saber os segredos das amigas: quais é que deixam o bebé para passar o dia nas compras; quais dão leite de lata em vez de mama; quais discutem com os maridos por causa de dinheiro. Mas essa mãe não vai confiar plenamente em Angel. Nunca, nunca. Não vai pedir a Angel que fique muito tempo em sua casa, nem vai recomendá-la sem reservas às amigas. Porque essa mãe — mesmo ao rir-se das piadas de Angel e ao ouvir os segredos —,

sabe que os olhos de Angel são demasiado grandes, a língua demasiado solta.

Marta, Mirna, Vera, Bunny — Ate pensou em todas elas. São mais sérias do que Angel. Mas Ate não as conhece há tanto tempo, nem tão a fundo. Abdicarão de um trabalho tão bom como aquele — e do dinheiro que os Carters pagam — quando Ate estiver pronta a voltar?

Porque ela tenciona voltar. O médico disse-lhe para «ter calma» durante pelo menos um mês. Disse-o a sorrir, como se estivesse a dar-lhe uma boa notícia. Mas Ate nunca tivera calma em toda a vida! Mesmo quando adoecia, ao longo dos anos — o que era raro; ela é forte —, Ate não passava o dia na cama sem fazer nada. Porque os meninos tinham de comer, as roupas continuavam a ter de ser lavadas.

Depois de sessenta e sete anos assim, querem que Ate descanse? E com que dinheiro?

Não. Ate vai voltar assim que possível, pois a senhora Carter está a pagar-lhe o dobro dos honorários diários durante seis meses. O simples facto de estar a pensar nisso fortalece Ate.

Até lá, será Jane a substituí-la. Ela é verde, mas é a melhor escolha: é respeitosa e esforçada. Ao contrário de outras, não vai encher a cabeça da senhora Carter de ideias — que Ate é muito velha ou fraca ou doente. E deixará o trabalho quando chegar a altura.

— Só tenho de te treinar — diz Ate a Jane, que não está a ouvir.

Para lhe chamar a atenção, Ate recorda a Jane que com o salário duplicado, ela fará mais dinheiro numas semanas com a senhora Carter do que em muitos meses a trabalhar no lar de idosos pelo ordenado mínimo. Lembra-a de que não pode contar com Billy e que tem de pensar no melhor para Amalia.

— Não podemos ignorar o dinheiro. A vida tem muitas surpresas — diz Ate, pensando em Roy, o seu mais novo.

Jane está calada. Pela expressão, Ate sabe aquilo em que ela está a pensar. A mãe também ficava com aquele ar quando ficava embrenhada em pensamentos, como se estivesse longe.

Ate espera. Consegue ouvir o coração a bater. Quando Jane diz: — Ate? — os olhos desta abrem-se de rompante. E quando Jane diz que sim, tal como Ate sabia que ia acontecer — é uma boa menina; ela tenta fazer o que está mais certo —, Ate sorri.

\* \* \*

É isto que Ate diz a Jane, num tom de voz urgente porque não têm muito tempo:

Tens de usar farda. Se a minha não te servir — e o mais provável é que não sirva, ainda estás roliça da bebé — tens de ir à loja das fardas, aquela em Queens Boulevard. Eu pago. Compra duas ou três, daquelas com calças a condizer. Só calças com bolsos grandes, para a chucha e para o leite, para o aspirador. Coisas assim.

O bebé ainda não tem rotinas de sono, por isso conta com trabalho dia e noite. Quando é que dormes? Quando o bebé dormir, obviamente! Mas só à noite. Durante o dia, se a mãe ou o pai estiverem por perto tens de te manter ocupada — mesmo que o bebé esteja a fazer a sesta. Caso contrário pareces preguiçosa.

O domingo é dia de folga, mas na primeira semana não folgues. A senhora Carter vai insistir, mas tens de recusar. Diz-lhe que preferes ficar e «conhecer o Henry». Ela nunca mais se vai esquecer. Ela depois vai contar ao senhor Carter e ficam satisfeitos por seres a minha substituta.

Sei que vais ter saudades da Mali, eu compreendo. Vou mandar-te fotografias, muitos vídeos. Mas só os podes ver no teu quarto. Sabes as *babysitters* das ilhas, ao telefone no parque infantil, sem prestar atenção às crianças? Não sejas assim. Não recebes o dobro por seres assim.

Vou dizer à Dina para te esperar. Ela ajuda-te a encontrar aquilo de que precisas. Repolho — as folhas são boas para quando o canal lácteo da mãe fica entupido. Chá para lactantes — a mãe deve bebê-lo várias vezes ao dia. Multivitaminas, também todos os dias. Uma cerveja chamada Guinness — é boa para a produção de leite.

Mas, Jane, fala só em inglês com a Dina. Nada de tagalo, nem mesmo se os pais estiverem noutra divisão. Eles ficam inquietos; sentem-se estranhos na própria casa.

Não te quero assustar, Jane! A senhora e o senhor Carter são muito simpáticos! Mas tens de mostrar respeito. Eles vão dizer-te para os tratares por «Cate e Ted», muito à americana, muita igualdade — mas é sempre «senhor» e «minha senhora». Vão dizer-te que «fiques à vontade» — mas eles não querem que fiques à vontade! Porque a casa é deles, não é tua, e eles não são teus amigos. São teus clientes. Nada mais.

A senhora Carter é o tipo de mãe que se sente culpada. Ela gosta de estar com o bebé, mas acha que gosta de estar com o bebé mais do que realmente gosta de estar com ele. Percebes? E isso fá-la sentir-se culpada,

porque ela acredita que amor e tempo são a mesma coisa. Mas isso não é verdade! Não vejo o Roy, nem a Romuelo, nem a Isabel, nem a Ellen há muitos anos, mas o amor que sinto pelos meus filhos é o mesmo. A senhora Carter não compreende isso. Portanto sente-se culpada. Culpada se deixa o bebé metade do dia para ir à cabeleireira; culpada quando sabe que a amiga deu mais tempo de mamar.

Tem cuidado com a culpa, Jane. Não a permitas. Por vezes, a senhora Carter vai dizer-te: *Eu levo o Henry, vai dormir uma sesta, passaste a noite acordada*. Mas o mais provável é que esteja a sentir-se culpada por ti! Tens de lhe dar uma desculpa para deixar ficar o bebé. Por exemplo, podes dizer: está na hora do banho do bebé; ou é altura da barriguinha.

Ou então podes dizer, num tom divertido: pode ser agora a minha vez com o senhor Jeitoso?

Se ela insistir que o quer, muito bem. Mas então, o bebé tem de estar cheio de leite e tem de já ter arrotado e tem de estar satisfeito. Não pode ter fome, nem estar cansado, nem a fazer birra. Se ele fizer birra, ela pode ficar com ciúmes. Isso pode acontecer — se o bebé te sorrir mais, se ele acalmar mais depressa contigo.

E tens de estar sempre por perto, de orelha à escuta — mas não só parada à espera. Tens de estar sempre ocupada: a lavar biberões, a dobrar roupas. Caso contrário, a mãe começa a ressentir-se. Por estares só a ocupar espaço e ela é que tem de ficar com o bebé.

O pai? Ele trabalha num banco. Trabalha muito, faz muitos serões. Afasta-te, Jane. Sê educada, mas não o olhes nos olhos. E não lhe sorrias. Não, ele não é como o Billy! Mas a senhora Carter, ela ainda está gordinha do bebé. E tu és jovem e bonita.

O caderno! Isto é importante! São registos, estás a ver? É aqui que registas — numa tabela, os clientes gostam de tabelas — aquilo que o bebé bebeu, quanto, leite da mãe ou fórmula ou misturado, e quando. Também é aqui que registas os movimentos dos intestinos. Xixi ou cocó. Se o cocó é mole ou duro.

Esta informação vai ajudar-te com as rotinas do sono. Eu explico. Quando deixei os Carters, o bebé estava a beber a cada 120 minutos. Vês? Nesta coluna? Mas, pouco a pouco, estamos a tentar que ele coma de quatro em quatro horas. Quando ele beber o suficiente durante o dia — 750 ou 800 mililitros —, já não precisa de comer à noite. Chega então a altura de treinar o sono.

Outro exemplo. E se o bebé passar o dia a chorar? A senhora Carter vai

querer saber porquê. Olha para o meu livro! O Henry fez xixi suficiente? Não? Então talvez tenha sede. Ele hoje fez cocó? Ontem? Não? Talvez esteja com prisão de ventre!

Tens de tentar compreender este tipo de pais, Jane: eles estão habituados a controlar as coisas. É isto que o dinheiro lhes dá. Mas com um bebé novo, o que é que acontece? Os pais escolhem o dia para induzir o parto. O pai tira o dia de folga. Há uma cadeirinha nova para o carro, as roupas do bebé estão todas dobradinhas. Depois começa o trabalho de parto, o bebé nasce e: *Pah!* Acabou-se o controlo! O bebé chora e eles não sabem porquê. O bebé não pega na mama. Porquê? Como o podemos obrigar? Mas não o podemos obrigar! O bebé bolsa, faz cocó, não faz cocó, fica assado, tem febre, não dorme — sem motivo, sem controlo!

Jane, ouve, por favor; isto é importante, talvez seja o mais importante. Para seres a melhor ama tens de mostrar aos pais que tens tudo controlado. Quando o bebé chora ou vomita, quando a mãe grita porque tem as mamas duras como pedras e dói tanto — não podes ficar surpreendida. Tens de ter sempre tudo controlado, com as respostas todas prontas.

Este livro — isto não é só um caderno. Compreendes? Para os pais quer dizer que existe ordem. Que o mundo não é aleatório.

Isto, Jane, isto é aquilo que vai fazer com que os pais confiem em ti.

E toca na pele. Estás a ver como a capa é macia? Não são baratos, estes cadernos. Mas são uma boa recordação. Descobri que as mães os adoram.